



VIVIAN GORNICK

# Afetos ferozes



## Apresentação

Jonathan Lethem<sup>[1]</sup>

Ao se preparar para escrever a introdução de um livro que leu há anos e adora, talvez você se veja folheando a edição anterior, revirando-a nas mãos e dando uma boa relida para localizar determinadas frases e se encantar outra vez com suas nuances, seu frescor, sua capacidade constante de surpreender. Ou você corre para o início, na esperança de descobrir que sua introdução já está ali, escrita — pois é esse o sentimento que o texto produziu em você mais de uma vez: de que conhece seus pensamentos. O livro é um objeto em movimento desenfreado, trepidante de energia própria, e a única coisa que você pode ter a esperança de fazer é tocá-lo, alterar minimamente sua trajetória de modo a posicioná-lo melhor para favorecer uma visão universal.

Não seria mais simples dizer que você precisa ler *Afetos ferozes*, de Vivian Gornick? Que estou aqui para fazer o possível para que este livro se torne uma bandeira no vasto mundo, assim como para mim, em minha cabeça, ele já é uma bandeira atrás da qual marchar? Contudo, enquanto examino com carinho uma edição mais antiga, encontro oito depoimentos positivos a seu respeito, todos muito eloquentes, todos escritos por mulheres; seria possível que de alguma maneira eu seja o primeiro homem a recomendar este livro? (Consulto uma edição ainda mais antiga na minha estante e, claro, verifico que não é assim.) O volume de memórias de Vivian Gornick tem aquela qualidade louca, brilhante, absoluta, que tende a retirar uma obra de

seu contexto para elevá-la, tornando-a admirada, com toda a razão, como uma obra “fora do tempo”, “um clássico”. Trata-se, porém, de um livro de memórias centrado, pelo menos na aparência, nas complexidades de uma relação mãe-filha, escrito na década de 1980 (antes do boom), por uma escritora orgulhosamente feminista, mas não simploriamente vinculada ao movimento. Assim, posso ficar à vontade para amá-lo e mesmo para brandi-lo como parte de meu próprio coração? Sim. O caminho trilhado pelo leitor para chegar ao fascínio de *Afetos ferozes* não é feito nem da curiosidade atônita diante das especificidades da vida de Gornick ou da vida de sua mãe, nem da identificação fácil que deriva da semelhança — em circunstâncias sobrepostas —, nem mesmo das semelhanças do feminino.

A identificação, em *Afetos ferozes*, funciona de outra maneira. Ao mergulhar na sinceridade dilacerante e ao mesmo tempo quase displicente do livro, constatamos que simplesmente nos transformamos em Vivian Gornick (ou no narrador que usa o nome dela), assim como nos transformamos em sua mãe, depois em Nettie Levine, a jovem vizinha apaixonada e niilista que emerge como terceiro personagem principal do livro, formando, com a mãe e a filha, o que Richard Howard descreveu como “aquela trama afetiva, erótica, de acordo com a qual, exatamente da mesma maneira, triangulamos nossas vidas”.

Mas nosso sentido de transubstanciação não se limita a essas três mulheres. Ao longo da trilha do autodesvendamento, Gornick nos conduz a alianças breves, abrasadoras, com três homens, amantes e maridos: Stefan, Davey e Joe. E ainda, de passagem, com meia dúzia de outros vizinhos do Bronx, com uma psiquiatra e, é claro, com o pai esquivo. Ao conferir — mesmo de forma breve — a cada ator sucessivamente olhos com os quais ver a

narradora que os viu e vozes que rivalizam com a dela em matéria de perspicácia, Gornick gravou essas figuras a fogo na página. Não só ninguém escapa de seu olhar, como ela não escapa do olhar de ninguém. Não me refiro à justiça, virtude supervalorizada na literatura e talvez também na vida. Alguém poderia dizer que Gornick demole seu elenco de protagonistas, mas de acordo com esse critério também demole a si mesma. Prefiro dizer que, tal como o mágico que puxa a toalha de debaixo dos objetos sobre uma mesa, ela miraculosamente deixa a si mesma e a seus atores intactos — e resplandecentes com o que suponho que só pode ser descrito como amor. Amor valente.

É provável que esse fosse um ótimo ponto para encerrar, só que não resisto ao impulso de alongar um pouco este tributo bem pessoal de escritor à memorialista e ensaísta que, com Phillip Lopate e Geoff Dyer, me ensinou tudo o que sei a respeito de podar o besteiro das frases que escrevo sobre mim mesmo. Detesto sobrecarregá-la com o epíteto “escritora para escritores”, mas *Afetos ferozes* deve ser louvado como a obra de uma perita emocionante, cujo domínio de uma forma refinada de cenário e diálogo, de falas contundentes não pronunciadas, e do uso dos espaços brancos na página até hoje me deixa sem entender por que nunca se dedicou à ficção que em seus ensaios críticos, de forma tão eloquente, demonstra amar. Como boa parte de minha literatura preferida, *Afetos ferozes* retira sua força do método do paradoxo. Estas páginas contêm minha descrição favorita da percepção de uma candidata a escritora de que ela simplesmente é uma escritora, para o bem e para o mal, e isso independente de quão obscuro o caminho à frente possa ser:

No segundo ano de meu casamento, o espaço retangular fez sua primeira aparição dentro de mim. Eu estava

escrevendo um ensaio, um texto crítico de estudante de pós-graduação que irrompera inesperadamente sob a forma de pensamento, pensamento bem torneado, luminoso. As frases começaram a forçar caminho em mim, lutando para sair, cada uma delas tratando de mover-se rapidamente para encadear-se à que a precedera. De repente me dei conta de que uma imagem tomara conta de mim: eu via claramente sua forma e seu contorno. As frases estavam tentando preencher aquela forma. A imagem era a totalidade do meu pensamento. Naquele instante senti que me abria por inteiro. Minhas entranhas recuaram, liberando a área de um retângulo feito de puro ar limpo e espaço desimpedido, um retângulo que começava em minha testa e terminava em minhas virilhas. No centro do retângulo havia apenas minha imagem, esperando pacientemente pelo momento de explicar-se. Naquele momento experimentei uma alegria que, estava segura, nada, nunca, igualaria.

Mais adiante no livro, Gornick parece lamentar a incapacidade desse retângulo de ir em frente, de se expandir, de abranger uma parte maior de sua vida. Trata-se de um duplo paradoxo: pela evidência oferecida pelo livro que o leitor tem em mãos, justamente ele que descreve essa resistência e essa frustração, o retângulo de Gornick fez precisamente isso, cresceu não apenas para abranger sua vida, mas, ao longo de todo o livro, a de seu leitor. No entanto, mesmo abrangendo tudo o que abrange, ele permanece exatamente tão íntimo, tão próprio, quanto a primeira descrição que Gornick faz de seu aparecimento: exatamente do tamanho do corpo dela.

# **Afetos ferozes**

Estou com oito anos. Minha mãe e eu saímos do nosso apartamento para o patamar do segundo andar. A sra. Drucker está diante da porta aberta do apartamento ao lado, fumando. Minha mãe tranca a porta e diz a ela: “O que você está fazendo aqui?”. A sra. Drucker faz um gesto com a cabeça indicando seu próprio apartamento, atrás dela. “Ele quer se deitar comigo. Falei para ele que precisa tomar uma ducha antes de encostar a mão em mim.” Sei que “ele” é o marido dela. “Ele” é sempre o marido. “Por quê? Ele está tão sujo assim?”, pergunta minha mãe. “Para *mim* ele está com jeito de sujo”, diz a sra. Drucker. “Drucker, você é uma puta”, diz minha mãe. A sra. Drucker encolhe os ombros. “Não posso tomar o metrô”, diz ela. No Bronx, “tomar o metrô” era um eufemismo para ir trabalhar.

Vivi naquele prédio entre os seis e os vinte e um anos de idade. Havia vinte apartamentos, quatro por andar, e na minha memória era um edifício cheio de mulheres. Mal me lembro dos homens. Eles estavam por toda parte, lógico — maridos, pais, irmãos —, mas só me lembro das mulheres. E na minha memória todas são rudes como a sra. Drucker ou ferozes como minha mãe. Elas nunca falavam como se soubessem quem eram ou entendessem o acordo que haviam feito com a vida, mas era comum que agissem como se soubessem. Espertas, voláteis, iletradas, funcionavam como personagens de Dreiser. Às vezes passavam-se anos de calma aparente para de repente haver uma irrupção de pânico e selvageria: duas ou três vidas marcadas (ou destruídas), depois a tempestade diminuía. E então de novo: calma taciturna, torpor erótico, a normalidade sem surpresas da denegação cotidiana. E eu — a garota que crescia no meio delas, moldada à sua imagem — as absorvia como se fossem clorofórmio impregnando um pedaço de pano pressionado contra meu rosto. Foram necessários

trinta anos para entender até que ponto eu as compreendia.

Minha mãe e eu estamos dando uma volta. Pergunto-lhe se ainda se lembra das mulheres daquele prédio no Bronx. “Claro”, ela responde. Comento que sempre achei que fossem loucas como eram por insatisfação sexual. “Com toda a certeza”, ela responde, sem alterar o ritmo dos passos. “Você se lembra da Drucker? Ela sempre dizia que se não fumasse um cigarro enquanto tinha relações sexuais com o marido se atirava pela janela. E a Zimmerman, do apartamento em frente ao nosso? Estava com dezesseis anos quando a casaram. Tinha horror ao marido, sempre dizia que se ele tivesse um acidente de trabalho e morresse (ele era operário de construção) seria uma mitsvá.” Minha mãe para de andar por um momento. Fala baixinho, estarecida com a própria lembrança. “Na verdade, ele tinha o hábito de ter relações com ela usando de força física”, diz. “Agarrava-a no meio da sala e a carregava para a cama.” Fixa o olhar à meia distância por um momento. Depois me diz: “Aqueles homens europeus. Eram uns animais. Pura e simplesmente”. Começa de novo a andar. “Uma vez, a Zimmerman trancou o marido para fora de casa. Ele foi tocar nossa campainha. Mal conseguia olhar para mim. Pediu licença para usar a janela da escada de incêndio. Eu não disse uma única palavra. Ele atravessou a casa e saiu pela janela.” Minha mãe ri. “Aquela janela da escada de incêndio era uma mão na roda! Você se lembra da Cessa, do apartamento de cima do nosso? Ah, não, você não deve se lembrar, ela só morou lá por um ano depois que chegamos ao prédio, em seguida o apartamento ficou com os russos. Cessa e eu éramos muito amigas. É tão estranho, quando penso no assunto. A gente mal se conhecia naquele prédio, às vezes nem nos falávamos. Mas vivíamos umas em cima das outras, entrávamos e saíamos das casas umas das outras.



Todo mundo ficava sabendo de tudo na mesma hora. Com uns poucos meses no prédio, as mulheres já ficavam, bem, *íntimas*.

“Então, a Cessa. Ela era uma jovem bonita, casada havia uns poucos anos. Não amava o marido. Nem o odiava. Na verdade, ele era um bom homem. Como é que eu vou explicar... Ela não o amava, costumava sair todos os dias, acho que tinha um amante em algum lugar. De todo modo, tinha um cabelo comprido até a cintura. Um dia cortou o cabelo. Queria ser moderna. O marido não disse nada, mas o pai dela entrou no apartamento, lançou um olhar para o cabelo cortado da filha e lhe deu uma bofetada no rosto que ela viu a avó lá no outro mundo. Depois mandou o marido trancar a Cessa em casa por um mês. Ela costumava descer pela escada de incêndio, entrar pela minha janela e sair pela minha porta. Todas as tardes, durante um mês. Um dia ela volta e estamos tomando café na cozinha. Digo a ela: ‘Cessa, fale para o seu pai que isto aqui é a América, Cessa, a América. Você é uma mulher livre’. Ela olha para mim e diz: ‘Como assim, dizer ao meu pai que isto aqui é a América? Ele nasceu no Brooklyn’.”

Meu relacionamento com minha mãe não é bom, e à medida que nossas vidas se acumulam, muitas vezes dá a impressão de piorar. Estamos presas num estreito canal de familiaridade, intensa, que nos prende uma à outra. Às vezes se passam anos seguidos de exaustão, em que ocorre uma espécie de abrandamento entre nós. Depois a raiva vem de novo à tona, quente e nítida, erótica em seu poder de exigir atenção. Neste momento as coisas não vão bem entre nós. Minha mãe “lida” com esses períodos em que as coisas não vão bem entre nós me acusando em voz alta e publicamente da verdade. Basta ela me ver para dizer: “Você me detesta. Você sabe que me detesta”. Posso estar

lhe fazendo uma visita, por exemplo, e ela diz a quem quer que por acaso esteja no aposento — um vizinho, um amigo, meu irmão ou uma das minhas sobrinhas: “Ela me detesta. Não sei o que tem contra mim, mas ela me detesta”. Se estamos as duas dando uma caminhada, é bem capaz de parar um desconhecido na rua e dizer: “Esta é minha filha. Ela me detesta”. Depois se vira para mim e implora: “O que foi que eu fiz para você me detestar desse jeito?”. Nunca respondo. Sei que ela está em chamas e prefiro deixá-la arder. Por que não? Também estou.

Mas percorremos infinitamente as ruas de Nova York juntas. Nós duas vivemos agora na parte sul de Manhattan, em apartamentos separados por pouco mais de um quilômetro, e gostamos de caminhar juntas, em vez de nos visitar. Minha mãe é uma camponesa urbana e eu sou filha da minha mãe. A cidade é nosso elemento natural. Temos, as duas, aventuras cotidianas com motoristas de ônibus, mulheres sem-teto, porteiros e malucos na rua. Andar nos faz mostrar o melhor de nós. Estou com quarenta e cinco anos e minha mãe com setenta e sete. Tem um corpo forte e saudável. Atravessa facilmente a ilha sem minha companhia. Durante essas caminhadas, não sentimos amor uma pela outra; é comum estarmos discutindo, mas mesmo assim saímos para andar.

Nossos melhores momentos juntas são quando falamos do passado. Digo a ela: “Mãe, você se lembra da sra. Kornfeld? Me conte de novo aquela história”, e ela se delicia contando a história outra vez. (É só o presente que minha mãe detesta; basta o presente virar passado que ela imediatamente começa a amá-lo.) A história é ao mesmo tempo a mesma e outra toda vez que ela a conta, porque estou mais velha a cada vez e me ocorre fazer uma pergunta que não havia pensado em fazer na vez anterior.

Na primeira vez em que minha mãe me contou que seu

tio Sol havia tentado ir para a cama com ela, eu tinha vinte e dois anos e ouvi em silêncio, numa mistura de fascínio e terror. Conhecia de memória as circunstâncias. Ela era a mais moça de dezoito filhos, oito dos quais chegaram à idade adulta. (Imagine: minha avó passou vinte anos grávida.) Quando a família veio da Rússia para Nova York, Sol, o irmão mais moço de minha avó, que tinha a idade do filho mais velho dela (a mãe da minha avó *também* havia passado vinte anos grávida), veio com eles. Os dois irmãos mais velhos de minha mãe tinham vindo alguns anos antes do restante da família, encontraram trabalho na área da confecção e alugaram um apartamento sem água quente no Lower East Side para a família inteira, onze pessoas: banheiro no corredor, fogão a carvão na cozinha e uma fileira de aposentos minúsculos e escuros. Minha mãe, na época uma criança de dez anos, dormia na cozinha sobre duas cadeiras porque minha avó havia admitido um inquilino.

Sol fora convocado pelo Exército durante a Primeira Guerra Mundial e mandado para a Europa. Quando voltou para Nova York, minha mãe estava com dezesseis anos e era a única da prole que ainda morava em casa. Então chega Sol, um charmoso desconhecido, e encontra a sobrinha pequena que deixara para trás transformada numa mulher de olhos escuros, cabelo castanho brilhante cortado curto com muito estilo e um sorriso transformador, atributos que ela faz de conta que não sabe como usar (o estilo de minha mãe sempre foi de uma coqueteria flagrante desprovida de todo traço de intenção). Ele começa a dormir num dos cubículos a duas paredes de distância do dela, com os pais roncando ruidosamente na outra ponta do apartamento.

“Uma noite”, disse minha mãe, “acordei de repente, não sei por quê, e vejo Sol em pé ao lado da minha cama. Comecei a perguntar: ‘O que foi?’, achando que havia

algum problema com meus pais, mas ele estava com um jeito tão esquisito que imaginei que talvez fosse uma crise de sonambulismo. Sol não disse uma única palavra. Me pegou no colo e me levou para a cama dele. Deitou nós dois na cama e me abraçou, aí começou a alisar meu corpo. Depois ergueu minha camisola e começou a alisar minha coxa. De repente ele me empurrou para longe e disse: ‘Volte para sua cama’. Levantei e voltei para minha cama. Ele nunca abriu a boca para falar sobre o que havia acontecido naquela noite, nem eu.”

A segunda vez que ouvi essa história, estava com trinta anos. Ela a repetiu praticamente palavra por palavra enquanto subíamos a Lexington Avenue à altura da rua 60. Quando concluiu, perguntei: “E você nunca falou no assunto com ele, ao longo de todo esse tempo?”. Minha mãe fez que não com a cabeça. “Como é possível, mãe?”, perguntei. Ela arregalou os olhos, franziu os lábios. “Não sei”, estranhou. “Só sei que fiquei apavorada.” Olhei para ela com uma cara *engraçada*, como ela diria. “Qual é o problema?”, minha mãe perguntou. “Não gostou da minha resposta?” “Não é isso”, protestei. “Só acho esquisito você não ter produzido um som, não ter demonstrado que estava com medo.”

A terceira vez que ela me contou a história eu estava com quase quarenta anos. Íamos subindo a Oitava Avenida e perto da esquina com a rua 42 eu disse a ela: “Mãe, alguma vez lhe ocorreu se perguntar por que você ficou em silêncio quando Sol fez o que fez?”. Ela olhou depressa para mim. Dessa vez estava de sobreaviso. “Aonde você quer chegar?”, perguntou, irritada. “Por acaso está querendo dizer que *gostei* do que aconteceu? É aí que você quer chegar?” Comecei a rir nervosamente, com gosto. “Não, mãe, não estou dizendo isso. Só estou dizendo que é *esquisito* você não ter produzido nenhum som.” Uma vez

mais, ela repetiu que havia ficado muito assustada. “Não acredito”, falei, brusca. “Você me dá nojo!”, ela exclamou no meio da rua. “Minha filha tão inteligente. Eu devia mandar você de volta para a faculdade para receber mais dois diplomas, de tão inteligente que é. Eu *queria* que meu tio me violentasse, é isso? Que ideia brilhante!” Depois dessa caminhada passamos um mês sem nos falar.

O Bronx era uma colcha de retalhos de territórios étnicos invadidos: quatro ou cinco quarteirões eram dominados por irlandeses, ou italianos, ou judeus, mas cada setor tinha sua cota de irlandeses vivendo num quarteirão judeu, ou de judeus vivendo num quarteirão italiano. Muito já se falou sobre essas acomodações registradas nos cartórios de Nova York, mas quem cresceu submetido ao corredor polonês italiano ou irlandês, ou levando um gelo dos vizinhos judeus, não ficou tão marcado por essa dose extra de não pertencimento quanto nivelado pela vida compartilhada na rua. Nossa família tinha passado um ano vivendo em meio a uma vizinhança italiana. Meu irmão e eu fomos as únicas crianças judias na escola, e nosso sofrimento havia sido indizível. Miseráveis: esse é o termo que descreve como nos sentíamos. Quando nos mudamos de volta para uma área povoada por judeus, meu irmão ficou aliviado por não precisar mais se preocupar com o fato de ser espancado todas as tardes por garotos que o chamavam de gênio judeu, mas os contornos e o conteúdo de sua vida não apresentaram maiores alterações. A verdade mais ampla é que a “outridade” dos italianos ou dos irlandeses ou dos judeus em nosso meio era um elemento picante, uma fonte de interesse, e dava um sentido de definição, um gume excitante às coisas, abertamente temido, mas secretamente bem-vindo.

Nosso prédio era todo judeu, exceto por uma família

irlandesa no primeiro andar, uma família russa no terceiro e um zelador polonês. Os russos eram altos e silenciosos: entravam e saíam do edifício de um jeito que dava a impressão de ser misterioso. Os irlandeses eram todos magros e louros: olhos azuis, lábios finos, fisionomia fechada. Também eram uma presença discreta em nosso meio. O zelador e a mulher eram mais duas figuras caladas. Nunca dirigiam a palavra em primeiro lugar a ninguém. Acho que é isso que define a posição de uns poucos entre muitos: os poucos são silenciados.

Talvez minha mãe também tivesse sido silenciada caso continuasse morando em meio aos italianos; talvez recolhesse depressa os filhos, numa preocupação sem palavras, sempre que algum vizinho se aproximasse de um de nós, exatamente como fazia a sra. Cassidy toda vez que alguma mulher de nosso edifício afofava o cabelo de um dos “lourinhos irlandeses”. Mas minha mãe não era uma entre muitos. Ali, naquele edifício só de judeus, ela estava em seu elemento, tinha espaço suficiente entre a pele da presença social e a carne de um centro desconhecido para se mover, expressando-se livremente, sendo acolhedora e sarcástica, histérica e generosa, irônica e julgadora, e ainda, de vez em quando, em sua própria visão, afetuosa: aquele estilo áspero, provocador, que assumia quando era tomada pela ternura que mais temia.

Minha mãe era famosa no edifício por seu inglês sem sotaque e por sua atitude firme. Embora a porta de nosso apartamento estivesse sempre fechada (havia uma distinção entre aqueles com educação suficiente para dar valor à privacidade de uma porta fechada e os matutos cuja porta estava sempre entreaberta), os vizinhos se sentiam à vontade para bater a qualquer momento: para pedir emprestada alguma pequena necessidade da cozinha, passar adiante uma fofoca do edifício ou mesmo pedir à minha mãe

que servisse de juiz em alguma briga ocasional. Nesses momentos ela assumia a atitude de uma pessoa superior perturbada pelo comportamento infantil de seus inferiores. “Ói, Zimmerman.” Ela sorria com condescendência quando a sra. Zimmerman, fora de si com alguma picuinha, real ou imaginada, aparecia para lhe contar sobre a falta de caráter de uma ou outra de nossas vizinhas. “Que tolice.” Ou: “Ridículo”, soltava ela com aspereza quando iam lhe contar algum caso que considerasse baixo ou ignorante. Parecia nunca se perturbar com a ideia de que uma história pudesse ter dois lados, ou um acontecimento mais de uma interpretação. Sabia que, em comparação com as mulheres que a cercavam, era “evoluída” — uma pessoa de pensamentos e sentimentos mais elevados —, de modo que aquele era um assunto que não merecia consideração. Uma de suas palavras prediletas era esta: “evoluída”. Se a sra. Zimmerman falasse alto demais no corredor num sábado pela manhã, nós, sentados na cozinha logo atrás da porta de nosso apartamento, olhávamos uns para os outros e, inevitavelmente, minha mãe balançava a cabeça e declarava: “Mulher pouco evoluída”. Se alguém fizesse piada sobre os *schwartzes*, minha mãe me explicava com toda a cautela que aquele tipo de sentimento não era “evoluído”. Se houvesse uma discussão na mercearia envolvendo preço ou peso, uma vez mais eu ouvia a expressão “pouco evoluído”. Meu pai sorria para minha mãe sempre que ela dizia “pouco evoluído”, fosse por indulgência, fosse por orgulho — nunca consegui saber. Meu irmão, na defensiva desde os dez anos de idade, olhava para a frente sem a menor expressão no rosto. Mas eu, eu absorvia o clima das palavras dela, me embestia de cada gesto e expressão que as acompanhavam, de cada detalhe complexo de impulso e intenção. Mamãe achar que ninguém à nossa volta era evoluído e que a maior parte do que as pessoas diziam era

ridículo é uma coisa que ficou gravada em mim como tinta no mais receptivo dos materiais.

O apartamento tinha cinco aposentos, todos se abrindo uns para os outros. Era uma moradia popular, mas nenhuma janela dava para um poço de ventilação. A porta do apartamento se abria para um minúsculo saguão que dava diretamente para a cozinha. À direita da cozinha, no saguão, ficava a geladeira, encostada numa parede que formava um ângulo reto em relação ao banheiro: um pequeno retângulo com uma porta de madeira pintada cuja metade superior era de vidro fosco. Depois desse saguão ficavam duas salas do mesmo tamanho separadas por um par de portas de vidro munidas de cortinas. A segunda dessas salas dava para a rua e era banhada pelo sol da tarde. Dando para a primeira sala, dos dois lados, havia dois minúsculos dormitórios, um dos quais também voltado para a rua, o outro para os fundos do edifício.

Como a sala da frente e um dos quartos davam para a rua, aquele era considerado um bom apartamento, um apartamento “da frente”. Há alguns anos um homem que também cresceu no meu prédio me disse: “Sempre achei que vocês eram mais ricos do que nós porque moravam na frente”. Embora viver na frente costumasse significar que os maridos dali ganhavam melhor do que os dos apartamentos dos que viviam *tief, teier in draird* (nas profundezas do inferno), vivíamos na frente porque parte da presunção de minha mãe, de ser detentora de um conhecimento superior das necessidades da vida, repousava em sua convicção de que, enquanto não fôssemos obrigados a recorrer à assistência pública, um apartamento que desse para os fundos não entrava no leque das possibilidades da nossa vida doméstica. Apesar disso, era “nos fundos” que nós — ou seja, ela e eu — de fato morávamos.



A janela da cozinha se abria para a viela dos fundos do edifício, tal como as janelas das cozinhas do edifício vizinho ao nosso e as dos outros dois edifícios cuja entrada ficava no lado oposto do quarteirão quadrado partilhado por aqueles prédios. A viela não tinha nenhuma árvore, nenhum arbusto ou folhagem de qualquer tipo — era só concreto, com cercas de arame e estacas de madeira. Mesmo assim, na minha memória é um lugar de muita luz e ar fresco, impregnado, por alguma razão, de um perpétuo aroma de folhagens de verão.

A viela recebia o sol da manhã (nossa cozinha fulgurava, antes do meio-dia), e havia um ritual partilhado entre as mulheres, de lavar a roupa cedo usando uma tábua de lavar sobre a pia da cozinha e em seguida pendurá-la do lado de fora para secar ao sol. Entrecruzados sobre a viela, do térreo ao quinto andar, havia uns cinquenta varais presos a longas estacas de madeira fincadas no chão de concreto. Cada apartamento tinha seu próprio varal, estendido janela afora em meio a dez outros, presos à mesma estaca. Muitas vezes as roupas dependuradas em um dos varais interferiam no livre balanço da roupa dependurada no varal logo acima ou logo abaixo, e por isso era comum ver uma mulher sacudir seu varal com força, tentando desvencilhar a roupa de um amontoado disforme de lençóis e calças. É possível que, ao mesmo tempo que puxava o varal, ela gritasse: “Ber-tha-a. Ber-tha-a. Você está em casa, Bertha?”. As amigas ficavam espalhadas por todos os edifícios da viela e gritavam umas para as outras o dia inteiro para fazer diversos tipos de combinação. (“A que horas você vai levar o Harvey ao médico?” Ou “Você tem açúcar para me emprestar? Vou mandar a Marilyn buscar”. Ou “Encontro você na esquina em dez minutos”.) Tanto movimento, tanta animação! O ar puro, a luz despejada, as mulheres gritando umas para as outras, o ruído de suas vozes misturado ao cheiro da roupa

secando ao sol, todas aquelas texturas e cores drapejando no espaço aberto. Eu me debruçava na janela da cozinha com uma sensação de expectativa cujo sabor sinto até hoje na boca, tingido de um verde suave e luminoso.

Para mim, toda a animação do apartamento se localizava na cozinha e na vida que transcorria do lado de fora da janela. Era uma animação autêntica, que nascia da contradição. Naquela cozinha eu fazia o dever de casa e fazia companhia a minha mãe, olhava-a preparar e executar seu dia. Ali também tomei conhecimento de que ela possuía talento e vitalidade para realizar suas tarefas facilmente e bem, mas que não as apreciava nem as valorizava. Não me ensinava nada. Nunca aprendi a cozinhar, limpar ou passar a ferro. Ela própria era uma cozinheira de competência entediada, uma faxineira furiosamente rápida, uma lavadeira dos demônios.

Mesmo assim, ela e eu ocupávamos plenamente a cozinha. Embora minha mãe nunca parecesse estar ouvindo o que acontecia na viela, não perdia nada. Ouvia cada voz, cada movimento de varal, cada adejar de lençóis, registrava cada grito, cada comunicação. Ríamos juntas do inglês arrevesado de uma, da indiscrição apregoada de outra, um guincho aqui, uma imprecação inacreditável acolá. Seu fluxo de comentários acerca da vida do lado de fora da janela foi o primeiro gostinho que tive dos frutos da inteligência: minha mãe sabia como transformar fofoca em conhecimento. Ouvia uma voz subir uma oitava e comentava: “Ela teve uma discussão com o marido esta manhã”. Ou então a voz baixava uma oitava e ela: “O filhinho dela está doente”. Ou captava uma conversa acelerada e diagnosticava uma amizade chegando ao fim. Essa capacidade da minha mãe me aquecia e estimulava. A vida parecia mais plena, mais rica, mais interessante quando ela se dedicava a dar sentido à atividade humana da viela.

Nesses momentos, eu sentia uma conexão viva entre nós e o mundo de fora da janela.

A cozinha, a janela, a viela. Essa era a atmosfera na qual ela havia fincado raízes, o pano de fundo contra o qual se delineava. Ali era perspicaz, engraçada e enérgica, podia exercer autoridade e ter contundência. Mas sentia desprezo pelo que a cercava. “Mulheres, *yech!*”, dizia. “Varais e fofoca”, dizia. Ela sabia da existência de um outro mundo — o mundo —, e às vezes achava que queria aquele mundo. Não era bom. Interrompia-se no meio de uma tarefa, passava longos minutos fitando a pia, o assoalho, o fogão. Mas onde? Como? O quê?

De modo que a situação da minha mãe era esta: ali na cozinha ela sabia quem era, ali na cozinha era inquieta e entediada, ali na cozinha funcionava admiravelmente, ali na cozinha desprezava o que fazia. Revoltava-se com a “falta de sentido da vida de uma mulher”, como ela dizia, depois ria com um prazer que posso ouvir até hoje quando analisava algum assunto complicado em andamento na viela. Passiva pela manhã, rebelde à tarde, era construída e desconstruída diariamente. Agarrava-se com avidez à única substância de que dispunha, desenvolvia afeto em relação a seu próprio entusiasmo, depois se sentia uma espécie de parceira. Como ela teria podido não se dedicar a uma vida tão profundamente cindida? E como eu teria podido não me dedicar à devoção dela?

“Você se lembra dos Roseman?”, pergunta minha mãe enquanto andamos pela Sexta Avenida à altura das ruas 40. A família Roseman tinha vivido no apartamento dos Zimmerman durante nossos dois primeiros anos no prédio.

“Lógico”, respondo. “Que casal interessante, aquele.”

A sra. Roseman era uma Colette judia. Gorda e trigueira, tinha olhos escuros amendoados num bonito rosto de

raposa e uma auréola de cabelo crespo preto-acinzentado. Jogava cartas obsessivamente, fumava um cigarro atrás do outro e visivelmente não tinha o menor interesse pela família. Na casa dela havia sempre uma partida de cartas em andamento e, como dizia minha mãe, “uma panela com algum tipo de merda cozinhando o dia inteiro no fogão, e quando o marido chegava em casa do trabalho, o gosto do prato parecia o dos sapatos velhos da minha avó”. Mas o tom de voz da minha mãe era afetuoso, não acusatório. Ela era próxima da sra. Roseman porque dez anos antes a sra. Roseman também fora membro do Conselho de Moradores Número 29, num prédio a três quarteirões de distância do nosso.

Desde a mais tenra infância eu sabia que meus pais eram companheiros de viagem do Partido Comunista, e que minha mãe fora a mais politicamente ativa dos dois. Quando eu nasci, ela já havia exigido justiça econômica e social empoleirada em caixas de sabão no Bronx. Na realidade, em sua litania de privações constava esta: se não fosse pela existência dos filhos, teria se tornado uma oradora pública talentosa.

Na época da Depressão, o Partido Comunista patrocinara e coordenara os Conselhos de Moradores, organizações criadas para fazer frente à expulsão de locatários na ausência de pagamento de aluguel. Minha mãe era a líder do Conselho de Moradores Número 29, no Bronx (“Eu era a única mulher do prédio que sabia falar inglês sem sotaque, por isso fui automaticamente escolhida para liderar o grupo”), e continuou ocupando a posição de líder até pouco depois de eu nascer, quando meu pai a obrigou a “parar tudo” para ficar em casa tomando conta do bebê. Até ali, dizia ela, a diretora do conselho fora ela. Mamãe dirigindo o conselho era um clássico da infância. “Todos os sábados pela manhã”, ela me contava,